"Eu vi você me olhando, então pensei que talvez quisesse alguma coisa."
"Hã? Hum... não, você que tava me olhando."
"Mas você também tava me olhando."
"Não, não tava!"
"Mas... a gente fez contato visual e tudo!"
"Bom, é, mas... Ai, esquece. Não consigo pensar em mais nada para dizer."
Shimamura
Uma estudante do ensino médio que às vezes mata aula. Ultimamente, começou a entender um pouco melhor como se aproximar da Adachi.
Adachi
Estudante do ensino médio que teve sua paixão finalmente correspondida. Ainda está tentando entender o que significa realmente sair com a Shimamura.

"É Dia dos Namorados!"
"Eu recebo chocolate de você também?"
Yashiro
Uma autoproclamada alienígena que emite pequenas partículas de luz azul. Costuma aparecer do nada na casa da Shimamura.
Pequena
A irmã mais nova da Shimamura e vive brincando com a Yashiro. Sente ciúmes toda vez que vê a Adachi ficando íntima demais da irmã.

Apoiando meu queixo na palma da mão, eu divagava vagamente sobre o Dia dos Namorados no meio da aula. Meio que lembrava de ter me sentido assim no ano passado também. Então, quando olhei para a Adachi, sentada à minha frente e um pouco à direita, vi que ela estava me encarando de volta. Ficamos nos olhando enquanto o professor falava ao fundo.

Como de costume, o olhar da Adachi se movia inquieto, mas ela não desviava o contato visual. Corajoso da parte dela se virar completamente durante a aula, para ser sincera. Queria dizer para ela prestar atenção como uma boa menina, mas era difícil passar isso só com gestos. Se eu fizesse um gesto afastando a mão de mim, ela provavelmente entenderia como “vá embora”. E se eu quebrasse o contato visual, ela podia começar a se preocupar, achando que tinha feito algo errado.

Adachi era uma garota sensível, e, às vezes, eu sentia vontade de simplesmente manter minhas mãos quietas e observá-la de longe. Era nisso que eu pensava enquanto ficávamos ali, nos encarando com expressão vazia.

"O fim."

Do dia escolar, quero dizer.

O sinal tocou, e quando virei meu olhar para a janela, refleti sobre como o dia parecia ter durado uma eternidade. Por algum motivo, parecia que as noites eram mais longas em dezembro. Talvez o Papai Noel precisasse de tempo extra, sei lá.

Enquanto eu olhava sem pensar para a luz dourada pálida, ainda pouco tocada pelo vermelho do pôr do sol, eu... bem, senti sono. Eu gostava da escuridão total tanto quanto qualquer outra garota, mas havia algo em dormir com uma luz suave que me fazia sentir segura.

No passado, eu teria ido direto para o treino de basquete depois disso. Enquanto ficava ali, relembrando os velhos tempos em que eu realmente tinha energia para fazer as coisas, senti uma presença e me virei para olhar. Era a Adachi, obviamente, e ou eu iria até a mesa dela, ou ela viria até a minha.

Segurando a mochila, ela me olhou com hesitação, a cabeça levemente inclinada para baixo. “Eu vi você me olhando, então pensei que talvez quisesse alguma coisa.”

“Hã? Hum… não, você que tava me olhando,” argumentei sem motivo algum.

“Mas você também tava me olhando,” ela murmurou, com os lábios escondidos atrás da mochila.

“Não, não tava!”

“Mas… a gente fez contato visual e tudo!”

“Bom, é, mas… Ai, esquece. Não consigo pensar em mais nada para dizer.”

O melhor que me veio à cabeça foi dizer que eu tava dormindo de olhos abertos, o que não tinha graça nenhuma. Senti a Adachi completamente perdida, então dei uma risada e neguei com a cabeça, como quem diz "também não faço ideia".

“Não esquenta com isso,” dei de ombros com um sorriso. Ela me lançou um olhar sério por trás da mochila. “O quê? Tá brava?”

“Não,” ela respondeu, balançando a cabeça. “Mas você me lembrou a sua mãe agora há pouco.”

“O quê?!” Isso era algo com que eu definitivamente não queria concordar; senti meus lábios fazendo um biquinho. “Você acha mesmo?”

“...Você tá brava comigo?”

"Nem um pouco. Digo, somos parentes de sangue. Claro que temos coisas em comum."

Adachi também se parecia com a própria mãe, especialmente de perfil. Mas se eu dissesse isso, ela provavelmente não ia gostar muito, então decidi voltar ao assunto principal.

"Vamos dizer que a gente tava se olhando, as duas."

"Ok."

Agora que estávamos de acordo... "Quer passar em algum lugar no caminho de casa?" A conversa inevitavelmente ia acabar chegando aí mais cedo ou mais tarde, então fui direto ao ponto.

Ela abaixou a mochila, revelando um sorriso tímido. Mas, bem na hora em que ia começar a falar, congelou, os olhos arregalados ao se dar conta: “Eu tenho que trabalhar hoje!”

"Ah, beleza. Então vamos andando pra casa."

Me levantei na hora, e o ar ao redor do meu nariz mudou com a altitude. Era mais quente quando eu estava sentada, ou talvez só mais abafado... ou talvez o ar acima de mim estivesse cheio de energia circulando. Mas, ao me dirigir até a porta da sala, senti uma certa resistência atrás de mim e olhei por cima do ombro. Lá estava a Adachi, com a cabeça baixa, parecendo uma criança emburrada.

"Adachi?"

"Você não vai nem fingir que ficou decepcionada?"

"Eu tô tãããããão decepcionada, você não faz ideia!"

"Grrrrr!"

"Ai!"

Ela beliscou a minha gordura das costas por cima da roupa! Dá para acreditar? Quer dizer, não que eu tenha gordura nas costas para beliscar. Ela teve que se esforçar muito para conseguir me beliscar.

E doeu.

"Quer saber o que é uma decepção? Isso." Eu disse, dando umas batidinhas na testa com os dedos enquanto seguíamos juntas pelo corredor.

“Hã? O que tem?”

“Eu já devia ter decorado seu horário de trabalho.” Mas como isso não afetava diretamente minha vida, entrava por um ouvido e saía pelo outro. Adachi já tinha se mostrado tanto para mim até agora, que era um milagre ainda existirem coisas novas para descobrir sobre ela. “Isso me lembra — você disse que tá lá só de bobeira, certo?”

“É.”

“Tenho orgulho de você.”

“Não parece,” ela respondeu num tom meio seco, depois riu sozinha.

“Bom, o fato de você ter mantido isso por tanto tempo prova que você é, uh… paciente! Bom trabalho!”

Estendi a mão e fiz um carinho no cabelo dela. No começo, ela pareceu gostar, porque começou a sorrir — mas logo em seguida balançou a cabeça com força. “N-não é legal me tratar como criança, sabia.”

“Não tô fazendo isso! Que tipo de criança consegue manter um emprego de meio período?” *Eu, com certeza, não.* “Então, na real, você é bem madura, e eu tô dizendo que isso é legal.”

Adachi era como ao ar da altitude mais elevada, circulando por todos os lados, e às vezes era revigorante. Mas tínhamos a mesma idade, então… onde foi parar a energia que eu precisava para acompanhar o ritmo dela?

Então chegamos aos portões da escola, e era hora de dizer tchau. Em algum momento, ela tinha segurado minha mão, e agora, se recusava a soltar. Dei vários passos largos para o lado até nossos braços formarem uma ponte perfeita entre nós.

"Adachi..."

Olhei diretamente para nossas mãos entrelaçadas. Ela seguiu meu olhar e pareceu ter uma epifania — então se aproximou de mim. *Não era isso que eu quis dizer!*

"O quê? Não era isso?" Ela inclinou a cabeça, confusa.

"Você achou mesmo que era...?"

Envergonhada com o mal-entendido, ela ficou mais vermelha que o pôr do sol. Era o contraste de cor perfeito com o cabelo dela... *Argh, agora não é hora de fazer poesia! Sério, por que a gente ainda tá parada bem no meio do caminho?!*

"Sabe, Adachi..."

"O-o quê?"

"Se você fosse uma comida, seria natto."

"...Hã?"

E assim, me desgrudei do aperto pegajoso da Adachi e fui para casa sozinha. Mas, com toda sinceridade, eu admirava o fato dela ir direto para o trabalho depois de um dia inteiro de aula. À primeira vista, ela parecia frágil, mas no fim das contas, ser macia te deixava mais flexível e mais difícil de quebrar. Esse era o tipo de força que eu conseguia respeitar.

"Agora, se ao menos ela conseguisse relaxar um pouquinho," ri sozinha, sabendo muito bem que era eu a fonte da tensão dela.

Será que eu ainda era tão intimidadora assim, depois de tanto tempo? No ensino fundamental eu com certeza era, mas sejamos honestos: hoje em dia eu era como papelão molhado. Por outro lado, talvez fosse justamente essa imprevisibilidade da minha atitude meio desleixada que deixasse ela tão nervosa. Ainda assim, sentia que estava sendo razoavelmente transparente com ela... ou pelo menos tentava ser.

Já a Adachi não precisava ser transparente; os pensamentos e sentimentos dela eram todos imediatamente visíveis. No passado, o comportamento dela me confundia, mas hoje em dia, eu tinha aprendido a dar um passo para trás e olhar o quadro geral para conseguir entender. Talvez isso fosse um talento raro para uma garota prestes a fazer dezoito anos.

Ande em linha reta por tempo suficiente, e eventualmente você vai começar a fazer uma curva — agora a trajetória da Adachi tinha cruzado com a minha.

E se ela tivesse me conhecido na minha fase azeda? Às vezes eu pensava nisso, só por diversão. Mantenha o encontro, mas tire o ginásio, o calor sufocante, as cigarras... Pelo que eu tinha visto desse mundo vazio, eram altas as chances de nada jamais ter acontecido.

"Mas olha só quem é, a Shimamura-saaaaaan."

Do nada, ouvi uma voz familiar acima de mim e me encolhi de susto. Antes mesmo de olhar para cima, começaram a cair brilhinhos. Então, suspirei e agarrei o gremlin que estava na minha cabeça, colocando ela no chão. Só havia uma pessoa na minha vida capaz de pegar carona nos meus ombros sem que eu percebesse, e eu duvidava que fosse encontrar outra igual a ela em qualquer lugar do mundo.

Era a Yashiro. Hoje, ela estava usando um macacão de peixe... ou será que era um pijama? Não reconheci a espécie de imediato, já que passei a maior parte da vida vendo peixes só em forma de carne. O mesmo com porco e frango, na verdade. Doido pensar que existe um mundo vibrante lá fora que eu ainda nem conheço.

"Oláááá!"

"Sim, olá. Dá pra pedir antes de pular na minha cabeça?"

"Pra quê?"

Éééé... boa pergunta.

"A Pequena gosta quando eu faço isso", explicou o peixinho, balançando as nadadeiras enquanto andava em terra firme.

"É porque ela ama tudo que brilha e cintila." Minha irmã sempre chamava a Yashiro de fada, e admito que o pozinho brilhante que ela espalhava ajudava a sustentar essa teoria. Era mais ou menos realista do que ela ser uma alienígena?

"A propósito, eu sou um bonito-do-norte", continuou Yashiro.

"Legal."

"Vi um terráqueo vestindo isso, então usei como referência."

"Tem certeza de que era um terráqueo...?"

E se fosse um homem-peixe? Bom, tá, não é justo. Homens-peixe também são terráqueos... né?

"Hoje, tenho assuntos a tratar com você e sua família."

"Sério?"

Isso foi uma surpresa — assim como a explicação que veio em seguida.

"Sobre o feriado conhecido como Dia dos Namorados..."

"Aff, já sei onde isso vai dar."

Ainda faltava um bom tempo para o Dia dos Namorados, mas Yashiro nunca parecia ligar muito para o calendário. Provavelmente ela nem tinha noção de tempo, sendo (supostamente) uma criatura com centenas de anos. Pensando bem, eu e a Adachi ainda não tínhamos feito nenhum plano. Será que só eu estava ansiosa por isso? A ideia me deixou meio sem graça.

E assim, nós duas fomos andando para casa juntas. A rua parecia mais fria do que o normal, talvez porque eu estava acompanhada de um peixe. Ou talvez o clima estivesse realmente esfriando esses dias.

Quando entramos, notei a ausência de um certo par de sapatos. "Parece que minha irmã ainda não chegou."

"Ah, céus."

"As crianças de hoje em dia têm agendas bem cheias, ao que parece."

"De fato!"

A quase-criança nada ocupada tirou as sandálias sem a menor cerimônia. Com um suspiro, eu as ajeitei — já sabia que ela não ia fazer isso. Em seguida, ela veio desfilando até mim, com a barbatana dorsal cortando o ar.

"Eu tenho o suficiente pra você, pra Pequena, pra Mamãe-san e pro Papai-san também."

Enquanto falava, ela tirou quatro caixas de chocolate com aparência firme de dentro do macacão — de onde ela tirou espaço pra isso tudo…? — e empilhou todas na palma da mão.

"Uau. Então... você comprou isso?" perguntei, só para confirmar.

"Hah hah hah! Vi na televisão ontem, então usei como referência, é claro!" declarou o peixinho.

"Referência pra quê?"

"Hah hah hah hah hah!"

"Não, sério."

"Eu moldei eles", explicou, fazendo um gesto de apertar com as duas mãos.

"Você… *moldou* eles?"

Essa não era exatamente a palavra que eu usaria pra descrever chocolates feitos à mão. Parecia até que ela tinha criado tudo do zero. Observando melhor, as fitinhas nas caixas tinham uma dobra exatamente no mesmo lugar em todas, como se fossem cópias idênticas.

“Hmm…”

Esses “chocolates” têm tipo zero por cento de cacau, né…? Ah, tudo bem. Não é tão diferente daquele sorvete do alienígena em JoJo’s Bizarre Adventure, né? Sem crise.

"Aposto que minha irmã vai ficar empolgada."

"Você não vai?" Yashiro perguntou, inclinando a cabeça inocentemente.

"Uhm, quer dizer, vou sim! Eu acho."

Comecei a me perguntar por que eu sempre evitava assuntos delicados, então dessa vez resolvi não evitar — só para ver o que aconteceria se eu me permitisse ficar feliz com um presente de uma amiga. Por que eu sentia tanta vergonha de demonstrar meus sentimentos? No fim das contas, o mais constrangedor era não conseguir agir como uma pessoa normal.

"Isso é muito legal. Obrigada."

Dei um tapinha na cabeça dela — ou melhor, na cabeça de peixe. O peixinho cintilante sorriu de volta, abanando o rabo. (Foi um momento tão fofo que decidi nem perguntar como ela estava fazendo aquilo.)

"Pois bem, eu gostaria de receber meu chocolate agora, por favor!" Ela estendeu a mão vazia, cheia de expectativa.

"Vejo que você tá mais por dentro do feriado esse ano." *Quem será que andou ensinando ela? Minha irmã?* "Bom, não tenho nenhum aqui comigo, então deixa eu pensar… ok. Que tal a gente comprar juntas quando minha irmã chegar em casa?"

"Uhuuuuuul!"

Enquanto pulava para cima e para baixo com o macacão, ela me lembrou um tubarãozinho, doo, doo, doo, doo—*ah para!!! Será que eu vou mesmo andar até a loja com ela vestida assim?* Mas foi justamente nesse momento que minha mãe apareceu correndo no corredor.

“Onde vocês duas estavam? Eu fiquei escondida nos últimos cinco minutos esperando assustar vocês! E agora estragaram o momento!”

“Como você consegue ser mais imatura que minha irmãzinha de verdade?”

“Acho que no fundo ainda sou uma criança! Ha ha ha!”

Quando ela começou a rir, logo desisti de tentar repreendê-la. Foi meu pai quem me ensinou a nunca depositar muita fé nela. O problema era que, se ficasse claro que eu estava a ignorando, ela só tentava mais ainda. Eu realmente odiava isso no ensino fundamental. A gente vivia brigando.

Naquela época, eu podia ser surpreendentemente ácida; essa lembrança doía como uma ferida antiga. Talvez fosse essa pequena culpa persistente que me impedia de realmente colocá-la na linha.

“Olá, Mamãe-san!”

“O que foi, Criaturinha do Mar?”

“Esse chocolate é pra você.”

“Ah? Assim do nada?”

“É o Dia dos Namorados!”

“Olha só, você até que é atenciosa às vezes!” Como eu, minha mãe estendeu a mão e fez um cafuné na cabeça de peixe da Yashiro. Ela tinha a altura perfeita para isso. “Então tá, vou comprar um chocolate baratinho pra retribuir, que tal?”

“Eba!”

“Eba…?” *Bem, se ela está feliz com isso, então acho que está tudo bem. O que importa é a intenção”.*

Depois disso, Yashiro jantou com a gente, tomou banho e foi dormir com minha irmã, como de costume.

Os seres humanos conseguem se adaptar a quase tudo; nossa ideia de “normal” só vai se expandindo com o tempo. Esquecemos o antigo e nos acostumamos ao novo, reabrindo nossas cicatrizes várias vezes até aprendermos a conviver com a dor.

***

Mais tarde naquela noite, depois que minha família (mais uma pessoa) já tinha ido dormir, comecei a ficar cansada de fazer lição de casa. Deixei o lapiseira de lado e me estiquei, mas o sono insistia nas minhas pálpebras. Então, me joguei sobre a mesa do *kotatsu* e fiquei pensando no que fazer a seguir, embora, na verdade, já tivesse perdido a batalha contra a minha força de vontade.

Quando minha bateria mental caiu abaixo de 50%, pensei se não seria melhor ir direto para a cama. Foi então que meu celular tocou, lançando sua luz no meu rosto. Tateei para encontrá-lo sem olhar para cima, confiando só no som.

“É você, Adachi?”

Ela normalmente não ligava tão tarde assim… E quando finalmente achei o celular, lembrei que ela jamais ligaria sem pedir antes. Se alguém me ligasse sem avisar, quase certamente seria—

“Taru-chan?”

Estranho, pensei a princípio, mas depois achei que não era tão estranho assim. Só… não era algo que aconteceu muito ultimamente. Me lembrou do nosso primeiro ano no ensino médio, quando ficamos em turmas diferentes e meio que paramos de sair juntas.

Eu e Tarumi nos reaproximamos há cerca de um ano, mas só havíamos saído umas poucas vezes desde então. Agora, estávamos nos afastando de novo. *Talvez amizade simplesmente não seja para a gente*, pensei enquanto atendia a ligação. De algum jeito, a conexão parecia frágil, como um telefone de lata.

“Alôôôôô?” Diferente da Adachi, hesitei um pouco ao dar o primeiro passo com a Tarumi. *Que esquisita eu sou*, pensei comigo mesma. Não conhecia a Tarumi há mais tempo?

“E aí?” ela respondeu.

“Uh, oi.”

“Desculpa, tava dormindo?”

“Tava estudando. Aww, sim.”

“Você tá mentindo.”

Infelizmente não, pensei, olhando para o caderno aberto sobre a mesa. Se ela estivesse aqui pessoalmente, eu teria jogado ele na cara dela. Fitando o espaço vazio no canto superior da página, esperei que ela continuasse.

“Shima-chan?”

“Hmm? O que foi?”

“Bem, você ficou meio quieta…”

“Só esperando você dizer o que quer, senhorita.” Endireitei a postura e ajeitei meu roupão de ficar em casa.

“Ah, entendi. Mil desculpas, madame.”

“Claro, querida. Ho ho ho!” Minha risada saiu parecida com a da Yashiro. *Chega disso*, me repreendi mentalmente.

Depois de uma pausa, Tarumi deu uma respirada funda, como se fosse arremessar uma bola. “Então, na verdade eu não… ok, talvez eu queira sim. É, vamos sair!”

“Agora?”

Nem precisei olhar no relógio para saber que já passava da meia-noite. Horário de delinquente mesmo. Pensando bem, será que a Tarumi ainda fazia esse tipo de coisa? Segundo minha mãe, que falava com a dela pelo telefone, Tarumi era uma boa garota que fazia todas as tarefas no horário. Difícil imaginar ela como rebelde, na real.

“Quer dizer, se você topar, eu não me importo!”

“Infelizmente, não. Sou uma Shima-chan sonolenta.”

“É, imaginei… Então, quer sair depois que você dormir?”

É disso que se trata, né? Claro que é. “Hmmm…”

No passado, eu teria dado de ombros e dito “claro, por que não?”. Mas agora minha mente foi direto para a Adachi, que eu sabia que seria veementemente contra. Ela era exatamente esse tipo de garota — um montinho miserável de emoções. Fácil de machucar, fácil de provocar. Tão efêmera quanto uma chama e tão escaldante quanto ela.

Olhei ao redor, esperando encontrar algum mimo da Adachi para me sentir sentimental, mas nada estava por perto. Em vez disso, encontrei minha pelúcia de foca — o que ela estava fazendo ali? Acariciei sua barriguinha macia e me preparei.

“Eu teria que, tipo… não sei, pedir permissão, acho.”

“Permissão?”

Apoiei um dedo na lateral do nariz e pensei se deveria dar um resumo rápido para ela. Tinha três “lobos” dentro de mim: uma parte não achava que ela precisava saber, outra queria tirar isso do caminho, e uma terceira estava simplesmente irritada com toda a complicação. Mas para começar, podia eliminar a irritação da equação. Como uma preguiçosa nata, essa era minha reação instintiva a qualquer ação.

“Hmmm…”

“Shima-chan?”

Tarumi era uma boa garota; disso eu tinha certeza absoluta.

Que se dane. Vou contar para ela.

“Estou saindo com alguém. Na verdade, uma garota, não um garoto.”

“…O quê?”

Ela ficou boquiaberta. Essa era minha chance de ir com tudo. “É, tipo, eu me sentiria meio culpada se estivesse saindo com outras garotas às escondidas dela, sabe? Ha ha ha…”

Eu precisava que ela entendesse rápido, porque se essa conversa durasse muito, eu podia acabar vacilando.

“…Ha ha ha.”

Havia uma certa tensão estranha no ar, e quanto mais Tarumi permanecia em silêncio, mais eu ria de nervoso. Era uma tática direto do manual da Yashiro; parei para notar o quanto aquela forma de vida misteriosa tinha me influenciado. Qualquer coisa para me distrair desse pesadelo, na real.

Finalmente, a voz da Tarumi começou a falhar. “Sério mesmo?”

“Sério.” Um ano atrás eu nunca teria imaginado que as coisas acabariam assim, mas lá estávamos.

“Então ela é sua… n-namorada?”

“Isso, isso, com certeza!”

Pensando bem, em um momento Tarumi até me perguntou se eu tinha um namorado, e eu disse que não. Eu não tinha namorado — mas tinha uma namorada. Engraçado como a vida funciona. Ou será que tudo já estava escrito no momento em que cruzei com a Adachi?

Quando foi que ela começou a gostar de mim, afinal? Me perguntei, meio atrasada, no meio de uma conversa qualquer com outra pessoa.

“Eu…”

“Sim?”

O resto da frase não veio. *Você o quê?* Enquanto olhava para meu copo vazio e respirava os vapores que ainda restavam, minha imaginação preencheu as lacunas, até que enfim…

“Entendi.”

No papel, parecia uma resposta neutra, mas eu conseguia ouvir o choque mal disfarçado na voz dela. Claro que ela estava chocada — talvez até meio incomodada. Uma parte de mim começou a pensar que talvez eu não devesse ter contado. Mas ela era minha amiga, e, se possível, eu queria ser aberta e honesta com ela.

“Então a Shima-chan tem uma namorada. Uau. L-legal…”

“Você não precisa fingir que tá de boa. Tudo bem se não estiver.” Eu mesma não estava muito calma, então por que não pirar junto? Balancei o corpo preguiçosamente da esquerda para a direita.

“I-isso é… é um progresso e tanto!” ela gaguejou, com a voz falhando.

“É, você sabe como é com a gente, garotas adolescentes. Sempre na moda.”

“Uau, uma namorada, hein?”

Soava como se ela falasse com os lábios fechados, e era difícil entender, o que me fez responder só com silêncio. Enquanto acariciava minha misteriosa pelúcia de foca, forcei um suspiro.

“Então, deixando toda essa coisa de lado,” ela continuou.

“Uh-hum?”

“Eu pelo menos quero te ver mais uma vez. A gente pode se encontrar?”

A voz dela me atingiu como água fria.

“Ok.”

Me cravando nos espinhos, aceitei o convite reiterado da Tarumi. A gente se encontraria, conversaria e… e depois? O que viria disso? Eu não sabia, e por isso queria tentar.

“Que tal amanhã?” sugeri.

“Amanhã?!”

“O que, você vai estar ocupada?” Eu tinha pensado que depois da escola seria o momento perfeito, mas talvez fosse mais fácil uma de nós visitar a casa da outra no fim de semana.

“Não, amanhã funciona pra mim. Mas acho meio estranho você estar sendo proativa pela primeira vez…”

“Você acha…? É, você tem razão.”

“E não só isso, mas amanhã mesmo?”

“Bem, eu pensei que quanto mais cedo, melhor.” *Porque quanto mais demora, mais tempo eu fico pensando no assunto.*

“É… acho que combina com você.” Será que fui só eu, ou a voz dela carregava um leve tom de alegria? “Então tá. Amanhã depois da escola… A gente se encontra na praça da estação?”

“Beleza.”

“Então…” A voz dela se apagou, se espalhando no ar e sumindo com a nossa conexão. Foi a Tarumi quem encerrou a chamada.

“Hmm.” Pelo lado positivo, eu já estava totalmente acordada, mas o sono foi substituído por uma sensação de preguiça.

Chamar esse encontro de um duelo era um exagero e uma representação excessivamente ansiosa, mas a tensão no fundo do meu estômago era a mesma. Eu me sentia como um jacaré que comeu uma pedra. *Pensando bem, eu já tinha visto a Yashiro vestida de jacaré?* Enquanto refletia sobre esse pensamento inútil, percebi que tinha recebido uma notificação de outra pessoa.

“Ah, dessa vez é a Adachi.”

“Posso te ligar?” Essa mensagem tinha chegado alguns minutos atrás, e enquanto eu olhava para aquelas três palavras simples, recebi outra notificação com a palavra “Posso?”

Me encolhi de repente. Será que ela viu que eu tinha lido e achou que isso era um sinal para repetir a pergunta? Imaginei ela sentada, imóvel, olhando para o telefone, e simplesmente respondi: “Claro!” *Eeee enviado.*

No exato segundo em que enviei minha resposta, meu telefone começou a tocar. *Ah, Adachi.*

“Alôôôô?”

“Hum, boa noite.”

A formalidade nervosa dela me fez rir. “Boa noite,” respondi.

“Você tava dormindo?”

“Não, tô no meio de uma maratona de estudos.”

“…Ah.”

“Vocês nunca acreditam em mim, né?” E não só isso, as duas já tinham assumido que eu estava dormindo. *O que eu sou, um gato?*

“Não, não, eu sei que você se esforça.”

“Obrigada.”

“Mas você não respondeu por um tempo, então…”

Ah, por isso. “Eu tava no telefone,” expliquei casualmente. Para mim, era uma razão justa para a demora. Mas o que veio depois foi um silêncio frio. “Ada-cheechee?”

Seria só impressão minha, ou a respiração dela ficou mais ofegante?

“…Com quem você estava falando?”

“Só com uma amiga.” Quando ela mais uma vez não respondeu, continuei: “Pode parar de me ignorar, por favor, minha querida Adachi-chan?”

“Mas…”

“Sem mas.”

“Mas…”

“He he he.” Ela estava agindo feito uma criança emburrada, e isso me fez rir.

“I-isso não é engraçado!” ela protestou.

“Eu discordo. Escuta aqui, Adachi. Hmmm, deixa eu pensar…”

Meus olhos passearam enquanto eu dava um sorriso meio sem jeito. Sem saber o que fazer, me joguei de costas e listei as opções: fazer piada, ficar brava ou levar a sério. No passado, eu quase sempre optava por ficar brava — o que será que me incomodava tanto? Quando tentava refletir, a Shima-chan do ensino médio me encarava com raiva e se recusava a explicar. Se eu me aproximasse dela com um sorriso bobo, ela provavelmente jogaria uma bola de basquete na minha cabeça.

“É muito importante ter amigos... Ah, espera, você não tem nenhum, né?”

“Não,” ela respondeu prontamente.

Certo, esqueci disso. Minha tentativa de persuadi-la fracassou logo no começo. Do ponto de vista da Adachi, amigos e família talvez não fossem diferentes de estranhos na rua. O que me deixava com…

“Tenho a sensação de que já perguntei isso, mas... você nunca acredita em nada do que eu digo, né?”

Será que eu realmente parecia um robô apático? Do meu ponto de vista, eu pensava na Adachi o tempo todo.

“Eu acredito em você, mas...”

“Acredita mesmo?”

“Bem, quando você se diverte com outras pessoas, eu fico com um sentimento meio... turvo por dentro.”

“O que quer dizer com isso?”

“Como se tivesse lama se acumulando no meu peito.”

“Tão ruim assim?”

“Não quero dividir você com mais ninguém.”

“Hmmm...”

Eu aceitava o quanto ela me amava de todo o coração, mas ela era tão intensa. O amor dela era mais profundo que o oceano, e se eu tentasse dar um mergulho casual, provavelmente me afogaria nas profundezas. Falando poeticamente, claro. Na prática, Adachi era possessiva.

O fato é que, mesmo que PUDÉSSEMOS passar a vida inteira só nós duas, seria muito difícil, pensei, gesticulando impotente. Talvez se eu aprendesse a pensar só na Adachi. Mas não era assim que um relacionamento deveria funcionar.

“Quero dizer, eu ainda penso muito em você, mesmo quando estou falando com outras pessoas.” Eu não estava dizendo isso só para ser legal — era verdade. Adachi havia se cravado em mim de algum jeito, afundando seus dentinhos no meu flanco, exigindo minha atenção. “Então dói muito quando você não consegue confiar em mim.”

Eu não era o tipo de pessoa que se envolvia com os outros. Geralmente, eu evitava a humilhação de ser conhecida de verdade. Então, quando alguém sem essas barreiras — no caso, Adachi — começava a agir assim, eu não sabia como lidar. Uma onda de angústia vinha me afogar, e eu me recolhia para dentro da minha concha.

Era como sentar sozinha na praia à noite; tinha uma certa tranquilidade nisso. E por esse motivo, se eu não tomasse cuidado, corria o risco de sucumbir à inércia. Então eu queria que fosse a Adachi quem me pegasse pela mão e me ajudasse a levantar.

“Desculpa...”

“Você não precisa se desculpar, Adachi. É só que... é difícil direcionar meus sentimentos no caminho certo.”

Se uma mensagem fosse muito pesada, quem a recebesse poderia duvidar da sinceridade, mas eu não conseguia pensar numa maneira melhor de falar. Por outro lado, eu confiava basicamente em tudo que a Adachi me dizia. Ela era um livro aberto, de verdade.

“Eu acredito em você, juro,” ela insistiu.

“Claro, claro! Por isso que eu te amo.”

“...Pensando bem, talvez nem sempre...”

Por quê?!

“Enfim, sobre o que estávamos falando?”

“Uhhh-hum. Acho que ainda não estávamos falando de nada.”

“Ah, é mesmo. Porque você já foi direto me acusando de infidelidade.”

“Eu—eu não estava te acusando... acho.”

“Ok, deixando toda essa seriedade de lado, fica à vontade para começar com algo divertido.”

“Hã?!”

“Bem, imagino que você queria ligar por um motivo, certo? Então vamos brincar um pouco,” dei de ombros, olhando para o relógio. Pragmaticamente falando,

não tinha tempo para brincadeira; eu precisava ir para a cama. Mesmo assim, escolhi brincar. “Brincar!”

“Brincar?”

“Desculpa, me adiantei. Pode começar, Adachi-san!”

Eu queria que ela filtrasse toda a lama do peito dela, mas e o que aconteceria com esse filtro sujo depois?

“Ah, já sei.”

“Siiim?”

“Tem uma coisa chamada Dia dos Namorados na próxima semana…”

“Tô sabendo,” brinquei. “Se é que os boatos são verdade.”

“É, uh, os... os boatos estão no ar.”

Não precisa acompanhar minhas idiotices, pensei comigo mesma, rindo e desviando o olhar. “Então, o que tem esse tal Dia dos Namorados?”

“Bom, eu estava pensando se… se a gente ia fazer alguma coisa esse ano,” respondeu, abandonando de vez a brincadeira. Eu fiz o mesmo.

“Sim, parece bom. Vamos nos divertir como sempre no Dia dos Momolados”

“Ah... tá!”

Mesmo sem vê-la diretamente, eu conseguia imaginá-la assentindo, toda animada. Nós, humanos, conseguimos captar vários detalhes pequenos para montar imagens mentais das outras pessoas. E se já éramos capazes disso, dava para entender por que alguns acreditam em superpoderes.

“Quer ir fazer compras de novo?” ela perguntou.

“Parece divertido. O chocolate do ano passado estava muito bom.”

Aliás, os chocolates da Yashiro também eram bem bons. Tinham formato de bichinhos, exceto uma criatura esquisita no meio que ninguém conseguiu identificar — nem mesmo a própria Yashiro. *Muito estranho*, ela nos contou sorrindo, segurando quatro barras de chocolate baratas entre os dedos da mão direita. No geral, parecia bastante satisfeita.

“Essa é basicamente nossa única desculpa para ir a Nagoya, né?” eu comentei.

“É.”

“Será que vamos ter mais oportunidades depois que nos formarmos?” Ou será que eu ia sair da casa dos meus pais e morar sozinha em algum lugar? Será que eu seria capaz disso? Instintivamente, olhei para o teto.

“Você vai fazer faculdade, Shimamura?”

“Hmmm... não sei.”

Não havia nenhuma área específica que eu quisesse estudar, mas ao mesmo tempo, não conseguia me imaginar arrumando emprego logo após me formar. Na minha cabeça, eu era uma estudante do ensino médio eterna, me divertindo com a Adachi na escola todos os dias pelo resto da vida. A Tarumi já tinha tentado me lembrar que não era bem assim, mas eu ainda alimentava essa fantasia. Meu futuro estava muito nebuloso no momento.

“E você?” perguntei, desviando da pergunta.

“Ainda nem pensei nisso. Acho que vou arrumar um emprego.”

“Você podia ser uma mestre da culinária chinesa!”

“Duvido muito.”

A verdade era que, cedo ou tarde, tanto Adachi quanto eu teríamos que arrumar emprego. O que será que nossa relação se tornaria até lá? Achei que provavelmente ainda estaríamos juntas, mas não dava para saber o que o futuro nos reservava. Talvez algo nos separasse contra nossa vontade... tipo um meteoro caindo na Terra e destruindo toda a nossa espécie. De algum jeito, eu tinha a sensação de que a Yashiro sairia ilesa disso...

Ok, chega de besteira. Amanhã já vai ser deprimente o bastante.

“Ei, então, voltando ao que a gente tava falando antes...”

“Hmmm?”

Ela parecia não entender do que eu falava, então decidi ser direta. “Eu vou me encontrar com ela amanhã. A amiga com quem eu tava falando.”

Em resposta, minha querida Adachi-chan ficou em silêncio — isso não me surpreendeu. Mas quando eu nem conseguia ouvir sua respiração do outro lado da linha, comecei a perder a coragem. O amor dela por mim era tão puro que às vezes eu tinha medo até de tocar nele.

“Não posso nunca mentir pra você, Adachi, e é... sabe... assim que eu demonstro meu amor, minha chapa.”

Da última vez que não contei para ela sobre mim e a Tarumi, virou um baita problema. Naquela época, eu a afastei sem ter uma conversa de verdade, mas, sinceramente, foi um milagre eu ter escapado daquela situação. Quer dizer, estávamos nos desmanchando como papel encharcado... Pensando bem, como foi que a gente se recuperou disso...?

Adachi deve ser uma feiticeira. É a única explicação.

“Então não é a Hino nem a Nagafuji?” ela perguntou.

“Não.”

“Ah...”

Houve uma pausa muito longa, muito carregada. Quase como se ela soubesse de quem eu estava falando. Será que Adachi já tinha conhecido a Tarumi...? *Não, impossível*, pensei comigo mesma. *Ela estaria fazendo um escândalo maior se tivesse.*

“Posso ir junto também?” ela perguntou.

“Hmmm. Não esperava por essa.”

Imaginei uma mãe pata com um patinho seguindo atrás dela. *Urgh, a Adachi faria exatamente isso... Não, vamos lá, ela não é um patinho, né!* Depois de passar por um catálogo mental de desculpas, decidi que minha única opção real era ser direta e honesta. Afinal, já prometi nunca mentir para ela.

“Infelizmente, a Shimamura-san não vai conseguir ter a conversa que precisa se você estiver lá do lado,” eu disse. Além disso, se Adachi e Tarumi se encontrassem cara a cara... bom, digamos que as coisas ficariam bem chatas, rapidinho. Tudo sairia do controle. “Eu preciso vê-la e conversar com ela, e preciso que você entenda.”

Parecia que eu estava terminando com a Tarumi, mesmo que a gente nunca tenha realmente namorado. E considerando quantas provas a Adachi exigia que eu passasse para conseguir sua aprovação, parecia que ela me consumia até os ossos.

“Ok,” ela respondeu, relutante, com a voz dura como uma pedra. Normalmente, ela pelo menos tentaria amenizar a situação com um “com certeza” ou “sem problema”, mas não dessa vez. Para o bem ou para o mal, essa era simplesmente a garota que ela era.

“Como recompensa por ser tão paciente... tem algo que eu possa fazer pra compensar?”

Naturalmente, tentei suborná-la.

“Ah, vou pensar sobre isso.” E, claro, ela rapidamente cedeu.

E assim superei uma das muitas provações da vida.

“Parece que passei o dia todo resolvendo um triângulo amoroso,” murmurei ao pousar o telefone. Meus órgãos doloridos eram a prova de quanto eu tinha curtido aquilo: nada. Sentei com os joelhos presos ao queixo, abraçando o bichinho de pelúcia de foca.

Ter uma namorada era... uh... complicado, aparentemente. Ficar imune a um laço criado a essa distância tão curta era quase impossível. Depois de trocar golpes por tempo suficiente, uma de nós certamente ficaria sem fôlego cedo ou tarde... e, depois de certo limite de perdas sofridas, tudo desmoronaria. Eu tinha que controlar meus golpes até certo ponto.

“A vida é mesmo dura.”

Eu poderia ter escolhido o caminho seguro, mas ali estava eu, escalando a Montanha do Drama por vontade própria. Mas, mesmo que isso complicasse minha vida, eu queria um encerramento.

***

No almoço do dia seguinte, perguntei a ela a dúvida que estava na minha cabeça na noite anterior: “Ei, Adachi, quando você começou a ter sentimentos por mim?”

“Qwêêêê?!?”

Gritando em uma língua que só podia ser descrita como alienígena, ela se encolheu. Suas bochechas estavam cheias de comida — uma visão rara para

uma garota que normalmente comia pequenos pedaços em silêncio. No geral, era bem fofo.

Quando ela começou a ficar azul, me apressei em oferecer água. Ela a bebeu em um só gole, desobstruindo a garganta sem precisar tossir, e quando conseguiu respirar de novo, a testa estava coberta por gotículas de suor dignas de uma estação muito mais quente. Ela esquentava tão rápido que o inverno não tinha chance contra ela. Olhei para ela com inveja, e então voltei à realidade.

Como pude fazer essa pergunta aqui mesmo na sala de aula? Será que ela estava me influenciando? *Ah, já era tarde demais para voltar atrás.*

“Então? Quando foi?”

Eu estava tentando ser fofa, mas acabou saindo como uma cobrança. *Argh, isso é difícil.* Adachi me encarou arregalando os olhos, os lábios se movendo quase mecanicamente.

“É... simplesmente aconteceu...”

“Uau, que romântico.” Pelo visto, não houve um único evento que causou isso.

Pensando bem, talvez nem fosse tão romântico assim.

“Por quê?” ela perguntou.

“Por quê o quê?” respondi, mordiscando um dos *tamagoyaki* do canto da minha marmita.

“Por que você perguntou isso?”

“Ah, só estava curiosa.”

“Tááá...” A resposta dela soou como um meio termo entre ‘oh’ e ‘ok’.

Quanto ao *tamagoyaki* da minha mãe, ela sempre temperava no lado doce, o que era perfeito para mim. Nossa família inteira era de amantes de açúcar. Talvez tenha sido isso que atraiu a Yashiro até a gente. Justamente quando estendi a mão para pegar mais um pedaço, senti o olhar da Adachi fixo em mim e decidi tranquilizá-la.

“Juro que foi só uma pergunta aleatória que me veio à cabeça.”

“Ah, tá...”

“Nhac, nhac, nhac...!”

“E-e você?”

“Hm?”

“Quando foi que você, ah... começou a...”

Os olhos e os lábios dela começaram a tremer, e se eu cutucasse, sabia que toda a essência da Adachi ia jorrar para fora. *Essência da Adachi?*

“Eu? Bemmmm…! É um segredo.”

“Isso não é justo!”

“você também não me deu uma resposta concreta!”

Pelo menos dava para dizer com segurança que ela não gostava muito de mim quando nos conhecemos. Mas olhando para trás, eu achava impossível imaginar isso. Com certeza eu já tinha visto essa versão dela com meus próprios olhos, mas tinha esquecido completamente como ela era naquela época.

“Quer dizer… você tem sentimentos por mim?” Ela lançou um olhar furtivo na minha direção.

Caramba, por que você nunca confia em mim?

“Não seja boba. Eu te amo muitão mesmo.”

Ok, talvez seja por isso. Bem, sempre que tento dizer isso alto e claro, minha síndrome do “ai-que-vergonha-quero-morrer” aparece. Foi mal!

“Sério, eu te amo muito,” acrescentei apressadamente enquanto ela me lançava um olhar fulminante. Mas desde quando? Para mim, era mais claro: desde o momento em que ela me disse que tinha sentimentos por mim. Soava barato e preguiçoso, mas era a verdade.

Ou seja, tudo começou naquela noite em que vimos os fogos juntos no verão passado. Nesse sentido, eu já a amava há bastante tempo… Enchi a boca de comida para disfarçar o constrangimento.

Quando terminamos de comer, as orelhas da Adachi ainda estavam vermelhas como folhas vívidas de outono. Mas enquanto eu as admirava…

“Eu, uh, vou lavar meu rosto.”

Ao perceber o suor na testa dela, ela pegou o papel do sanduíche e saiu correndo da sala. Esperei para dizer algo sobre a maquiagem dela, mas claro, já estava toda estragada por causa do suor. No meio do inverno. Por minha causa.

“Tudo por minha causa… Sou uma garota ruim,” me repreendi, meio sem vontade.

Fechei minha embalagem da marmita agora vazia e, enquanto eu ficava ali distraída, Panchos passou caminhando em direção à mesa dela ali perto. Nós duas não tínhamos falado muito desde a viagem escolar, e quando nossos olhos se encontraram, ficou claro que ela não sabia como reagir. Honestamente, ela poderia ter continuado andando sem dizer uma palavra. Como eu, ela carregava sua marmita numa das mãos.

“Oi.”

“Oi, oi!”

Por alguma razão, parecia que ela fazia um esforço (?) para não repetir exatamente a mesma coisa em resposta. Em contraste com sua saudação meio

desajeitada, ela caminhou até a mesa dela; mas depois de largar a marmita, ela voltou andando devagarinho.

“Então, como você tem passado ultimamente, Shimamura-san?”

“Passado o quê?” Eu era o tipo de perdedora que queria hibernar o inverno inteiro, mas suspeitava que não era isso que ela estava perguntando.

“Ah, só imaginando se vocês vão fazer umas graças no Dia dos Namorados.”

Tenho a sensação de que você falou isso só por zoeira. “Sim, a gente vai.”

“Ooooooh,” ela murmurou admirada. Então deu um passo para frente e baixou a voz. “Como foi no ano passado? Quer dizer, uh, se é que teve algo ano passado.”

“No ano passado? Bem, uh... a gente fez guerra de polegar.” *Pelo que me lembro.*

Ela cruzou os braços e inclinou a cabeça com graça. Qualquer um podia ver a interrogação estampada na cara dela. “Isso é um eufemismo pra alguma coisa?”

“Se era, ninguém me contou.” Eu não era inteligente o bastante para descrever o mundo em metáforas.

Ela se inclinou cada vez mais, até que um dos pés saiu do chão. Só podia imaginar o nível de equilíbrio necessário para manter o equilíbrio perfeito numa perna só. Depois desistiu de tentar entender e se endireitou. “Isso é profundo.”

“É.”

Com nós duas completamente confusas, ela saiu andando. Alguns momentos depois que se sentou, começou a tentar brigar de dedinho consigo mesma. Enquanto eu a observava com cara de boba, fiquei convencida de que ela era uma pessoa de bom coração, mesmo que não fôssemos exatamente amigas.

Era um estado de espírito estranho.

Então é, isso aconteceu. Quanto à Adachi, ela só voltou pouco antes do intervalo do almoço acabar. Sua franja estava tão molhada que grudava na testa dela, mas eu não sabia se deveria comentar sobre isso.

***

Depois da aula, verifiquei meu celular, mas não tinha nenhuma notificação, então me levantei.

“Taru-Taru-Taru-chaaan…”

Infelizmente, cantar o nome dela não aliviou o mal-estar no meu estômago, o que era, admito, uma maneira estranha de se sentir antes de encontrar uma amiga. Como foi que tudo começou entre mim e ela?

Chegando aos armários de sapatos, olhei para trás e vi Adachi me seguindo para fora da sala. Ela parou no lugar. *Fica aí, garota! Quer dizer, uh...* "Te vejo logo," eu disse, caso ela precisasse ouvir isso.

Seus olhos estavam marejados, e ela começou a resmungar frustrada. Para mim, era quase impossível expressar meus sentimentos sinceros: como ela sempre fazia parecer tão fácil? Claro, eu sabia que nunca poderia ser ela, por mais que tentasse… mas de vez em quando, queria poder absorver um pedacinho.

"Vem cá."

Chamei ela, e quando ela se arrastou até mim, peguei sua mão esquerda e a beijei. Os dedos dela estavam frios; parecia que drenavam toda a umidade dos meus lábios. Então, soltei sua mão. Ela fechou e abriu os dedos, quase como um caranguejo.

"Entendeu agora?"

"Uh… o quê…?"

Ela piscou para mim, mas ignorei e me afastei. "Tenha um bom dia."

Sendo realista, o dia dela provavelmente não estava indo muito bem.

Então, por alguma razão, achei que ouvi a voz da Yashiro: *Nada mal, na verdade.*

E respondi em silêncio: *Ninguém te perguntou!*

***

Quanto aos meus dias, eles não eram só sol e flores. Na verdade, os bons eram raros e espaçados.

Pode-se dizer isso.

A alça da mochila pesava no meu ombro. Pelo lado bom, o vento não soprava forte no meu rosto. Mesmo assim, estava tão frio lá fora que parecia que meu cabelo estava grudado nas orelhas. Felizmente, isso me dava a desculpa perfeita para culpar o tempo frio pelo meu humor ruim. Que conveniente.

Caminhei o longo caminho da escola até a praça da estação em silêncio. Por que eu me sentia assim? Eu só ia encontrar uma amiga, certo? Não... era mais do que isso. Essa coisa de "velhas amigas" tornava tudo tão complicado — especialmente a parte do "Se você não quer que isso se apague no passado, então faça algo a respeito".

Talvez fosse por isso que Adachi se envolvia tanto em tudo o tempo todo. Será que ela estava satisfeita com o resultado do esforço dela? Por trás da sua fachada quieta e tímida, havia uma garota surpreendentemente ambiciosa, então a possibilidade era que a resposta fosse um sonoro não.

Essas eram as coisas que eu pensava enquanto caminhava para a estação. E, conforme andava, a porcentagem de pensamentos dedicados à Adachi só aumentava. Isso era prova do meu estado emocional atual.

Por mais que eu visitasse aquela praça da estação, raramente tinha a oportunidade de realmente pegar um trem. Circulei a parada de ônibus que havíamos escolhido como ponto de encontro, procurando por qualquer sinal da Tarumi, e então me posicionei ao lado do mapa de rotas. “Já cheguei,” eu mandei para ela.

“Quase aí,” ela respondeu.

Onde você está? Olhei ao redor, procurando por ela. Pouco depois, Tarumi chegou carregando uma mochila enorme. As ruas estavam bastante vazias, mas nossos passos eram abafados e silenciosos enquanto nos aproximávamos.

“Uh... e aí?”

“Olá,” eu a cumprimentei, ainda agindo como uma dama educada por algum motivo. Quase disse “tenha um bom dia” de novo, mas ainda era meio cedo para nos despedirmos, já que tínhamos acabado de nos encontrar.

Seria mais fácil, disse uma voz na minha cabeça que eu desejava muito que se calasse.

“Uau, Shima-chan! Você não mudou nada!”

“Sem dúvidas.”

Tarumi também não parecia muito diferente, só que o cabelo dela estava talvez um pouco mais curto. Pensei em perguntar se ela tinha cortado o cabelo, mas não consegui imaginar a conversa se prolongando, então decidi não perguntar.

E agora?

Ultimamente, eu estava sempre me preocupando sobre o que falar quando nos encontrávamos. Seria porque não tínhamos mais nada em comum? Nessas horas, comecei a perceber o quanto a escola era importante para socializar... embora soubesse que só entenderia isso de verdade bem depois de me formar.

“Espera, que—?”

Quando comecei a pensar na escola, percebi que Tarumi não estava usando o uniforme por baixo do casaco. A saia xadrez dela parecia mais de outono do que de inverno. Será que ela tinha corrido para casa antes de vir aqui?

“O que foi?” ela perguntou. Eu belisquei meu próprio uniforme para indicar minha pergunta, e ela entendeu rápido. “Ah, eu faltei hoje para cuidar de uns assuntos familiares.”

“Como assim?!” De novo, era difícil dizer se ela era uma menina boa ou má.

“Queria arrumar um tempo para te ver.”

“Ahhh... Eu devia ter escolhido outro dia?”

Se ela queria que eu guardasse isso para o fim de semana, deveria ter falado na hora que conversamos pelo telefone! Mesmo assim, eu me sentia culpada.

“Não, tudo bem.” Ela balançou a cabeça suavemente, em sinal de alívio.

“Eu, uh, não sabia que você tinha coisas da família pra cuidar.”

“Mm.” *Isso não é resposta*. “Não foi nada sério. Surgiu umas coisas,” ela explicou, enrolando um fio de cabelo perto da orelha.

Tentei lembrar como era a casa dela. Eu costumava ir lá o tempo todo quando criança, mas não tinha ficado uma impressão marcante. Lembrava vagamente que a mãe dela era simpática comigo, mas isso foi anos atrás. O tempo seguia seu curso, como de costume. Então a única coisa que pude dizer foi...

“Entendi.”

Ela sorriu meio sem jeito e deu de ombros. “Vamos?”

“Claro.”

Enquanto falava, dei uma olhada rápida por cima do ombro, só por precaução. Talvez eu estivesse um pouco paranoica achando que Adachi estava me seguindo em segredo. Quer dizer, você duvidaria dela? A frase “esforço demais” parecia não existir no vocabulário dela. Por mais irritante que fosse, a determinação dela era algo para se admirar... provavelmente.

“Então, para onde exatamente a gente vai?” perguntei, caminhando ao lado da Tarumi.

Ela segurava as alças da mochila pesada com as mãos enluvadas; um cachecol estava apertado em volta do pescoço. Será que ela era realmente tão sensível ao frio? No começo, achei que ela ia entrar na estação, mas então parou de repente.

“Primeiro as coisas importantes... isso!” Ela foi direto para a máquina de refrigerantes mais próxima.

“*¿Por qué?*” Aos meus olhos, ela tava num nível bem elevado (ou será que rebaixado?) se achava diversão numa máquina automática.

Ela comprou um chá quente e me entregou. Peguei, olhei para ela e depois para a bebida.

“Ah, certo. Aqui, pega isso também.”

Ela tirou as luvas e me ofereceu. De novo, peguei, e perguntei: “Pra quê tudo isso?”

“Não se preocupe. Só fique quentinha.”

Eu quase podia sentir que ela estava me pressionando para aceitar. Coloquei as luvas. “Quer dizer, elas já estão bem quentinhas, mas...”

Nada de “mas”, aparentemente, porque ela tirou o cachecol e enrolou no meu pescoço. O tecido áspero na pele me fez arrepiar.

“Muito quentinho.”

Aparentemente, o primeiro objetivo dela era me esquentar. *O que você é, um micro-ondas?* Eu estava rapidamente ficando mais “fofa” enquanto ela ia tirando camadas. Então ela tirou um par de protetores de orelha da mochila e colocou em mim sem pedir. Queria brincar de vestir roupa ou algo assim...? Por mais que eu valorizasse o fato de não ter que tirar nenhuma peça de roupa em pleno inverno, eu começava a me sentir sobrecarregada.

“Quer meu casaco?”

Ela começou a tirar; aparentemente, estava disposta a fazer qualquer coisa para me manter aquecida. Mas com o casaco, eu basicamente estaria usando o conjunto inteiro dela, então recusei. “Estou quente o suficiente, prometo. Tá satisfeita, Taru-chan?”

“Tá brincando? Nem começamos ainda!”

Ela imediatamente voltou pelo caminho que tínhamos vindo. Claramente, ela não tinha nada para fazer na praça da estação. Então por que viemos aqui?

“Pensei melhor e decidi que o lugar será a margem do rio.”

“A margem do rio?” A primeira coisa que me veio à cabeça foi um churrasco, seguido por um duelo até a morte. Nenhuma dessas opções parecia provável para o nosso caso.

“Quero pintar um retrato seu,” ela explicou, ainda olhando para frente.

“Sério?”

“Sim,” ela repetiu.

Um retrato meu... Pensando bem, já tínhamos feito isso antes uma vez. “Agora entendi,” pensei, olhando para toda a roupa de inverno que eu estava usando. Claramente, ela queria cuidar bem da modelo de sua arte.

“E quando eu terminar, quero que você fique com ele.” Ela sorriu sem jeito enquanto eu andava ao lado dela.

“Eu?”

“Sim. Ia significar muito se você aceitasse.”

O que eu faria com uma pintura minha? Penduraria no meu quarto? Minha irmã certamente ia tirar sarro se visse.

“Agora que estou pensando direito, provavelmente deveríamos ter nos encontrado na margem do rio, né?” ela continuou.

“É...” *Só agora agora começou a pensar direito? Depois de doze horas?* Olhei rapidamente para o perfil dela, mas seu olhar estava calmo e sereno. Se ela estava entrando em pânico, era boa em esconder. *Isso sim é talento.*

E então seguimos para a margem do rio, um lugar cheio de memórias preciosas — não minhas, mas certamente de alguém. Da última vez que estive aqui, era verão, e agora a estação era o oposto polar. Quanto à nossa amizade... bem, boa pergunta. Pra mim, a amizade continuava, mas havia uma diferença perceptível — e essencial.

Existiam muitos tipos diferentes de amizade. Como Adachi rejeitava a necessidade da amizade por completo, ela nunca foi obrigada a aprender a lidar com todos esses tipos; nesse sentido, ela teve sorte. Adachi jamais iria até a margem do rio acompanhada de uma amiga. Era esse o jeito que ela escolheu para viver a vida dela. E ainda assim, mesmo sendo totalmente diferente nesse aspecto, ela continuava ao meu lado.

Engraçado.

Tarumi e eu não conversamos muito no caminho. O objetivo todo era conversar, mas trocamos pouco mais do que algumas formalidades esquecíveis. Alisando meu cabelo, me comprometi com o caminho à frente. Nossa sintonia estava se esvaindo sob o som dos carros que passavam, mas não fizemos nada para impedir isso.

***

Para surpresa de absolutamente ninguém, a margem do rio estava deserta no inverno. Eu só conseguia vislumbrar a pálida luz do sol caramelada. Quando me aproximei da água, o vento ficou tão úmido que praticamente encharcou meus tornozelos através das meias. Sentindo as pedras irregulares sob minhas solas, segui Tarumi em silêncio.

“Vamos fazer aqui.”

Ela puxou uma cadeira dobrável da sua mochila gigante, e eu observei, meio zonza, de trás enquanto ela se ocupava arrumando as coisas. Eu teria oferecido ajuda, mas não sabia o que ela queria. Meu corpo começou a balançar para frente e para trás ao perceber que deveria ter usado mais camadas nas pernas.

“Ok, manda ver.” Com um pequeno sorriso, ela fez um gesto para a cadeira.

“Obrigada,” eu disse, por algum motivo, enquanto me sentava. Então coloquei minha mochila no chão ao meu lado. Sem saber que pose fazer, apoiei uma mão no colo.

“Dessa vez não precisa de guarda-sol, hein?” ela brincou, e eu dei uma risadinha.

Me senti estranhamente vulnerável, sentada sozinha numa cadeira naquela perto do rio vazio. Talvez fosse porque eu não passava muito tempo perfeitamente parada ao ar livre. A vista era ótima; a luz do sol fazia a água brilhar, como se o rio fosse uma serpente reluzente nadando por ali. Eu meio que esperava Yashiro vindo boiando rio abaixo.

Quando Tarumi tirou quase tudo da sua mochila gigante, começou a preparar a pintura em si. “Tá com frio?” ela me perguntou.

“E você?” eu retruquei. Agora que eu estava usando todos os acessórios de inverno dela... bem, ela ainda parecia bem aquecida com as mangas compridas. Acho que ela está bem.

“O frio não me incomoda.”

“Uau. Você deve ser bem forte,” respondi, sem parar para avaliar se aquilo era um elogio bom ou não.

Velhas memórias escorriam na minha mente como a tinta do pincel dela. Quando criança, eu enchia minha paleta com todas as cores e as misturava enquanto pintava. Naturalmente, sempre sobrava tinta no final, e por isso eu levava bronca por desperdiçar. Mas era a única forma que eu conhecia para pintar na época, então não adiantava desejar ter feito diferente. Às vezes não havia outra opção — como o jeito que Adachi se comprometeu com uma vida de solidão, por exemplo.

Na verdade, porém, isso era só uma desculpa longa demais.

No passado, quando Tarumi e eu rabiscávamos juntas, eu sempre desenhava cachorros felizes e animados. Hoje em dia, talvez eu desenhasse outra coisa.

“Você é muito boa com arte, hein, Taru-chan? Você melhorou bastante.”

“É…”

A resposta dela deixou muito a desejar. Mas, por outro lado, talvez isso fosse esperado quando eu estava elogiando algo que nem podia ver. Seria essa a minha falha de caráter? Seria por isso que Adachi ainda não conseguia confiar em mim?

“Como ela é?” Tarumi perguntou por trás do cavalete, e embora a pergunta tivesse sido reduzida ao essencial, eu ainda entendi o que ela queria saber.

Pensei por um momento e respondi: “Bem distante. Ou, pelo menos, era.”

“Era?”

“É, tipo, no primeiro mês mais ou menos.”

Fria, distante, às vezes sarcástica. Às vezes ela me mandava comprar o almoço pra ela. Essa versão da Adachi, na verdade, nunca tinha ido embora; era a versão que todo mundo via. Mas quando ela se tornou minha amiga, uma nova Adachi nasceu — pura, sincera, infantil. E foi essa Adachi que eu...

“E agora?” Tarumi perguntou.

“Como um cachorro.”

“Como é?” ela retrucou, claramente confusa.

Mas eu não conseguia pensar em algo melhor. Adachi era uma boa garota, uma garota bonita, mas essas palavras eram muito comuns. Além disso, se eu usasse essas, pareceria que eu estava me gabando.

“Quando ela vê algo que quer, parte direto pra jugular e não solta nunca.”

“Ainda estamos falando de um ser humano?”

“Viu? Igual um cachorro, né?”

Foi então que me lembrei: viemos aqui para falar exatamente sobre esse assunto. Será que era esse o tipo de coisa que ela precisava ouvir? Certamente eu não podia deixá-la com a impressão de que minha nova amiga era um lobo. Mas minhas preocupações logo se mostraram infundadas.

“Ahá,” murmurou Tarumi, como se tudo fizesse sentido. *Espera, o quê?* “Você sempre gostou de cachorros, né, Shima-chan?”

“É, acho que sim.”

Eu já não conseguia mais lembrar que tipo de conversas Tarumi e eu costumávamos ter. Na escola primária eu era um livro aberto, sem barreiras — sim, exatamente como a alienígena que morava de graça na casa dos meus pais. Por isso, por mais irritante que Yashiro pudesse ser, eu nunca consegui me afastar dela. E talvez isso explicasse por que minha mãe também a mimava.

“Au, au.” Tarumi não fez esforço algum para parecer um cachorro de verdade. Eu não sabia bem como reagir, então apenas sorri.

Aliás, talvez fosse meio incomum duas adolescentes passarem horas fazendo um projeto de arte na margem do rio... ou mesmo alguém fazer qualquer coisa aqui, na verdade. Ninguém mais apareceu para participar da melancolia do pôr do sol de inverno. Dito isso, era um cenário apropriado.

Eu podia ver Tarumi espiando por cima da tela, me olhando fixamente. O olhar dela me lembrou a Adachi — especificamente, o jeito que Adachi me olhava. Aquela não era uma pintora apenas observando sua modelo.

“Ok, então ela é como um cachorro. E o que mais?”

Aparentemente, a conversa ainda não tinha acabado. Claro que não — essa era toda a razão de estarmos aqui. Mas o que aconteceria depois? O que Tarumi queria?

“Você e essa garota — ou melhor, devo dizer garota?”

“O que você quer dizer?”

“Bem, talvez ela seja uma mulher mais velha ou algo assim, vai saber.”

“Ah.” Tecnicamente isso era possível, mas eu não conhecia nenhuma mulher mais velha. Pensei na vizinha dos meus avós... *Não, essa não conta.* “Ela tem a minha idade.”

“Entendi.”

O que foi que eu vi nos olhos dela agora há pouco? Era difícil decifrar a essa distância... tanto literal quanto figurativa. A mão dela que pintava parou imóvel.

“Então, como ela é?”

Ela já tinha me feito essa pergunta, mas aparentemente ainda estava martelando na cabeça dela. Como ela se sentia? Estaria fazendo algum tipo de comparação? Com quem? O que ela estava procurando?

“Estou querendo saber o que você gosta nela, acho.” As palavras saíram meio sem emoção, por trás do lábio inferior dela.

Como era a Adachi? Um pouco estranha. Bem bonita. Muito apaixonada. Um tanto carente. Razoavelmente alta. Surpreendentemente inteligente. Medianamente responsável. Profundamente ciumenta. Excepcionalmente carinhosa. Completamente dedicada. Sensível. Ruim para sorrir. Visão de vida única.

Ela tinha muitos lados, bons e ruins... mas, acima de tudo, ela sempre me dava a motivação que eu precisava.

“Ela é o impulso que me leva pra frente.”

Eu e somente eu.

“E eu quero ver onde ela vai me levar. Quero ver até onde vamos juntas.”

Essa era minha forma poética e indireta de expressar meu amor. Se Adachi ouvisse, provavelmente franziria a testa, confusa; essa imagem mental me fez segurar o riso. Enquanto eu me distraía, porém, os olhos e os lábios da Tarumi começaram a tremer.

“Hum. Entendi.”

“É.”

“Então você é, tipo, louca por ela.”

“Bem, quer dizer... sim...” Sim.

“Então, hum... tipo... uh...”

Algo brilhou rápido nos olhos dela. Mas ela olhava para baixo, escondida atrás da tela, e a distância entre nós era grande demais para eu perceber direito. Enquanto isso, ela continuava murmurando para si mesma.

“Consigo ver que você está, tipo, realmente feliz, mas...”

“Tarumi?”

“O mais longe que você já chegou comigo foi, tipo, ir de uma estação de trem até a outra.”

Antes que eu pudesse perguntar do que ela estava falando, ela levantou o olhar.

“De agora em diante, sempre seremos amigas... não é, Shima-chan?”

Tarumi estava chorando — e a culpa era minha.

Algo mais frio que o inverno caiu sobre a minha cabeça, penetrando pelos meus cabelos. Se ela estava chorando porque éramos amigas, então... isso significaria...

Minha cabeça começou a girar. *Ah, cara, você também?*

Tentei perguntar, mas minha garganta apertou.

“Sim.”

O vento gelado do rio trouxe até mim tudo o que ela não disse, abrindo um furo minúsculo no meu peito. Minha garganta estava completamente seca, e a voz, trêmula.

De agora em diante, sempre seremos amigas. Um belo sentimento que nenhuma de nós realmente queria. Mas a Tarumi falou do mesmo jeito, porque ela era um amor de pessoa. Conhecendo a Adachi, ela morreria antes de pronunciar essas palavras.

Shima-chan e Taru-chan eram melhores amigas no ensino fundamental, grudadas uma na outra, almoçando juntas, de mãos dadas, fazendo compras, comprando acessórios combinando. Mas agora uma parte de mim começava a pensar que talvez eu não deveria ter chamado por ela naquele dia na estação de trem.

Como uma pessoa comum, eu me perguntei onde tudo tinha dado errado. Mas, embora isso pudesse acabar com nossa amizade se eu falasse diretamente...

hoje em dia, eu gostava mais da Adachi do que da Tarumi. Isso, e somente isso, era a causa raiz.

Será que era isso que ela queria ouvir? Será que por isso nos encontramos hoje? Ou será que a Tarumi esperava que algo mudasse magicamente? Que tipo de coisa? Uma febre queimava atrás do cachecol no meu pescoço enquanto perguntas vinham à mente uma atrás da outra.

Talvez a Tarumi secretamente esperasse algo mais entre nós — uma semente que dormia sob a superfície sem nunca florescer. Mas agora nossa amizade estava silenciosamente chegando ao fim, e eu estava apenas... assistindo aquilo acontecer.

Será que eu deveria gritar em protesto? Chamar seu nome aqui no rio desta vez? Será que isso era apenas um obstáculo que nossa amizade platônica deveria superar? Certamente ela não ficaria satisfeita com isso. Depois de hoje, ela e eu provavelmente nunca mais sairíamos sozinhas. Quer nossa amizade sobreviva ou não, o resultado final seria o mesmo.

De algum modo eu sabia que estava acabado para nós, de qualquer forma.

Eu sabia o que a Tarumi queria, e sabia como conseguir. Se eu realmente me importasse com ela como pessoa, então continuar amigas provavelmente não era a resposta. Mas eu não podia oferecer nada além disso. Então minha única opção era... ficar ali sentada.

Sorrindo sem um pingo de alegria, Tarumi continuou pintando, as lágrimas escorrendo pelo rosto. Suspeitei que ela não sabia como consertar isso mais do que eu. Então fiquei ali, assistindo esse triângulo amoroso desequilibrado desmoronar lentamente.

Achei ter ouvido um sussurro — algo como “Queria que pudéssemos ter ido mais longe juntas.” Mas estava tão distante quanto o rugido do rio. E assim, sem conseguir pensar em algo que eu tivesse feito de errado até aquele momento, abracei o momento presente.

No ensino fundamental II, eu já tinha vivido conflitos. Eu machuquei alguém com minhas palavras e me senti mal depois. Mas essa pessoa era alguém de quem eu não gostava, então, na prática, era um estranho.

No entanto, esta provavelmente foi a primeira vez que eu machuquei um amigo de verdade.